



Propriedade de uma associação do 1.º anno academico

Sonnez, sonnez toujours, clairs de la pensée! — V. Hugo

DIRECTOR

CLOVIS RIBEIRO

REDACTORES

A. PRADO SARTI  
BENJAMIN L. VIEIRA  
DOLOR B. FRANCO  
DURVAL REBOUÇAS  
H. DUQUE COSTA  
JAYME BALLÃO JUNIOR  
PAULO COSTARD

Toda a correspondência deve ser dirigida á

Rua Martim Francisco, 3 - S. PAULO

## Nosso rumo

« Dos ideaes da mocidade dependem os destinos dos povos » — disse algures Joaquim Nabuco.

Mocidade sem ideaes, que descrede do futuro e não vibra, é indigna de tal nome. Não é mocidade. É um presagio lugubre de decadência.

Nós atravessamos uma época de estagnação. A Academia é um corpo amorfo, sem calor e sem vida, como se a tomasse uma velhice prematura. O venerando casarão do Mosteiro é apenas uma reliquia. O rumor das gerações passadas — que encheram a historia politica e literaria do paiz, de paginas fulgurantes — ecoa-nos confusamente aos ouvidos como o vago rumor de uma epopeia longinqua.

Nós não descrémos: constatamos verdades. Mas desanimamos: protestamos, em nome de um passado digno, contra um presente indigno.

Vibra-nos na alma um ideal ardente de regeneração. Um sopro novo de vida impelle-nos á luta. Desfraldemos, pois, uma bandeira. Seja o nosso jornal, ao mesmo tempo que um grito de revolta contra a decadência, um toque de clarim annunciando a alvorada e chamando soldados para a defesa de grandes ideás.

É pesada a empresa para os nossos hombros? Falta-nos valor para tamanho commettimento? A Historia está cheia de exemplos.

Um dia, em França, um pavor convulsivo se apoderára do povo: era a Europa inteira colligada que vomitava os seus canhões sobre Paris. Os sinos das igrejas badalavam angustiosamente enchendo o ar de uma musica macabra, enquanto, pelas ruas e pelas praças, uma multidão dilacerada pela fome e despida pela miseria, corria ás tontas, espavorida, numa scena dantesca. De subito, na Assembléa Legislativa, um vulto pallido assomou á tribuna. Era Danton. Havia nos seus olhos o fogo divino de um ideal. Correu o olhar pela sala e, no meio de um silencio tumular, atirou á covardia da multidão em delirio, esta phrase immortal: *De l'audace, encore de l'audace, toujours de l'audace!*

E aquella nação de famintos ergueu-se. Fulgurou-lhe nos olhos um brilho de fé. Tomou as armas. E ella, que pouco antes era dispersão, medo e desanimo, escorraçava agora, na ponta das bayonetas, sob uma bandeira em trapos e ao som glo-

rioso de um hymno, todos os exercitos da Europa colligados, que fugiam, desordenadamente, numa retirada espavorida, vencidos por aquella audacia...

Nós temos audacia.

Para a realisação do nosso triumpho pugnamos pela fundação de uma sociedade academica essencialmente literaria, inimiga de exhibições, que promova uma agitação intellectual na Academia e constitua um refugio, grato áquelles que se interessam pela marcha ascendente das ideás.

Cultores do Direito, temos alem disso um grande ideal de justiça.

A sociedade moderna é governada por uma philosophia que morreu. O carcere é uma monstruosidade inutil. O castigo, um instrumento de degradação: « degrada mais do que o proprio crime » na phrase de Nietzsche.

O crime é um phenomeno natural regido por leis como qualquer outro. O livre arbitrio, um erro nascido de uma vaidade. A acção da auctoridade sobre o delinquente deve ser, como sobre o demente (outr'ora tambem considerado infame!) não vingadora, mas apenas defensiva. Uma disciplina obtida pelo carcere e pelo açoite crêa uma sociedade de covardes e não de homens dignos.

Em politica são para nós um evangelho as palavras soberbas do Mestre:

« Todo o bem, de que vive um povo civilizado, se resume neste elemento de confiança a que se chama justiça. Por que é que o dia é azul? Por que é que a noite é estrelada? Por que é que a natureza resplandece em maravilhas de força, graça e fecundidade? E' porque as vibrações do ar impalpavel, que compõe a athmosphera, e as ondulações do ether hypothetico, que occupa o espaço infinito, não cessam de conduzir silenciosamente até a retina dos nossos olhos, até o tecido dos nossos pulmões, até o solo do nosso planeta, a luz, o calor e a vida. Supprimi esse ar que se não vê, esse ether que se não colhe, e a terra esteril, apagada e cega, rolará ás escuras pela immensidade. E' a imagem de uma sociedade, de onde se extinguiu a justiça, com a differença, para peor na esphera moral, de que as trevas, em cujo seio se precipita a sua quédá, não cobrem um mundo morto, mas um mundo que se mata, uma raça que perdeu a visão do direito, mas adquiriu o faro da carniça, uma chusma conjura e odiosa, que esfervilha no lodo e no sangue, tomando as allucinações do seu instincto por claridades da razão ».

Nós não temos justiça porque ha neste paiz uma cousa monstruosa que se chama *politica dos governadores*, e uma irrisão que se chama *justiça dos Estados*. « O poder judiciario estadual figura nas constituições estaduaes como as senzalas nas antigas fazendas » — dizia ha pouco, no seu leito de morte, uma das maiores mentalidades de nossa terra.

É preciso que desapareçam taes monstruosidades. É preciso que a independencia da magistratura deixe de ser apenas uma disposição constitucional para ser tambem uma

realidade tangivel. O remedio para tal cancro é a revisao constitucional: sem ella caminharemos para um desastre.

O nosso programma politico se resume na phrase de Patrocínio, o negro de genio:

« É preciso fazer do revisionismo o que se fez do abolicionismo: uma questão de honra nacional ».

## Votos de um peccador

Querem os fundadores desta folha alliar a uma bella collaboração academica, a singeleza e a obscuridade das pennas mais inaptas do primeiro anno da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Eis, nesse acto de cortezia dos collegas a causa dos presentes rabiscos de ultima hora, inconsolavelmente pobres para que refuljam entre as pedrarias luzentes das ideás, aqui espargidas pelo forte e galhardo labor de uma centúria de moços.

Surge a *Fanfarrá*, e surge nervosa e bem unguida para a luta. O apparecimento deste periodico é um meritorio ensaio de renascença mental da Academia. De longa data a esta parte, observam-se nas fileiras da mais brilhante Escola Superior do Brasil, um crescente retrahimento ás manifestações de vitalidade do espirito, outr'ora tão poderosa em sua dominadora e invejavel irradição por todos os centros de estudo do paiz. Mas isso, que póde parecer um symptoma de decadência, não passa de um remediavel phenomeno de intercadencia. E' um reflexo do macabro frenesi de mercantilismo e materialismo da sociedade que nos comprime, submettendo os ideaes ao aspero circulo de suas exigencias.

Que principios regulam os actos ahí fóra? Que normas preponderam na politica, na religião, na sciencia e na arte? Que heroismos se admiram e que homens se glorificam? Que culto prestamos nós ás legendas santissimas da Patria?

Por mais infensó que o observador seja ao pessimismo, é mister confessar que a vida brasileira oscilla entre a ambição e a miseria, é um matiz de fraqueza e de orgulho. Poucos olham ao largo e ao longe: a maioria só vê estrabicamente os interesses de si mesmo. A politica, a terrivel roedora de consciencias e cofres, rosna em torno dos saborosos ossos do orçamento, depois de lhe haver devorado a carne. Nas ruas e nos cafés, nos palacetes floridos e nos perfumosos casinos illuminados aristocraticamente, o formigueiro humano redemoinha á cata de um prazer e de um emprego publico. A sinecura! oh, a sinecura! A sinecura representa a mãe prolifera de todos os vícios de nosso caracter: a sinecura páre o sophisma, a traição, a calunnia, a solidariedade, a oratoria, os jornaes... Tudo impende da sinecura, tudo vem della e tudo corre vertiginosamente atraz della.

O estudante não se livra da contaminação. Quem entra na Academia, é logo visto nas ruas como um ditoso predestinado ao doce nirvana de uma secretaria qualquer...

O pergaminho constitue a promoção ao posto de parasita e de genro. Na collação de grau, o bacharel é armado beduino para o pilha-pilha, a que os jornalistas dão o sonoro nome de *patriotismo*, afundados nas aguas barrentas de uma hypocrisia que assustadoramente se generaliza.

É pois contra o meio brasileiro — de que o paulista, aliás, é o mais puro, sob todos os aspectos — que a mocidade deseja reagir. Ella vem collar aos appetites da materia, os possantes remigios de um novo e espiritualizado evangelho de renovação moral. Ella visa esse largo v o desembaraçado, em que as azas possam alar serenamente e sobreparar ás arestas dos vícios e dos volutabros das effervescentes paixões sectarias.

O Brasil, como vemos, atravessa hoje um periodo que foi nitidamente retratado na França, em 1869, pelo maravilhoso relatório do barão Stoffel, cotejando as virtudes francezas com as virtudes germanicas antes das vicissitudes de 70. A synopse do addido francez em Berlim tem para nós a vehemencia de um brado prophetic, avisando a raça do Brasil de uma incomparavel calamidade:

« E que é a França? que é a sociedade franceza nestes ultimos tempos? Uma confusão de elementos desordenados, misturados, embrulhados uns com os outros; um paiz em que todos querem occupar os postos mais elevados, mas onde poucos se lembram que para um homem occupar uma posição em que ha responsabilidade, deve ter um espirito bem equilibrado, ser rigorosamente moral, conhecer um pouco o mundo e possuir certa força intellectual; um paiz onde os cargos mais importantes estão frequentemente entregues a pessoas ignorantes e sem educação que, ou se gloriam de algum talento especial, ou cujo unico titulo é a sua posição social e alguma versatilidade e destreza. Que estado de cousas tão pernicioso e tão degradante!

É natural que, em quanto isso durar, a França regorgitará de gente sem posição, sem profissão, que não sabe o que ha-de fazer de si, mas sempre prompta a invejar e censurar os outros... Os francezes não possuem as qualidades indispensaveis para tornar aceitavel o serviço militar obrigatorio, nem para tirar proveito delle. Presumidos e egoistas como elles são, o povo oppor-se-hia a uma innovação cuja força vigorosa é incapaz de comprehender, e que não póde ir ávante sem as virtudes que os francezes não possuem: a abnegação, o conhecimento consciencioso do dever e a boa vontade para sacrificar os interesses pessoais ás mais elevadas necessidades do paiz. Assim como o caracter dos individuos só se melhora pela experiencia, assim muitas nações precisam de um castigo antes de começar a reorganizar as suas instituições. Assim a Prussia precisou de um Iena para se tornar a nação forte e sa que hoje é ».

O velho e severo documento da historia franceza, parece-nos uma photographia actualissima do meio brasileiro.

A *Fanfarrá* — segundo informam os seus redactores — impressionada pela friesa do povo em volta ás questões palpitantes, traz ao lado de suas vistas literarias, um programma politico: a revisao constitucional. Neste lance, não nos alinhamos, inteiramente, na orientação dos collegas: a revisao é realmente uma necessidade demonstrada até pelo simples bom-senso, mas nas circunstancias sociaes em que nos debatemos, a troca de estatutos seria um remedio inutil: antes da constituição politica, urge rever a nossa constituição moral: — « le buone leggi non possono fare bene senza una buona moralità ».

Por isso, a uma folha de moços, folha reconstructora e esclarecida, folha devotada ao reflorescimento do espirito nacional, cumpria justamente adoptar um roteiro novo, um programma inspirativo e vehemente que se firmasse nesse fito: — a propagação da *sinceridade* e do *sentimento do dever*.

Oxalá assim seja a *Fanfarrá*! Oxalá, livre dos tendenciosos exaggeros dessa irritabilidade que caracteriza os pulsos jovens, este periodico timbre em evitar os desabrimientos de animo — aquillo que em technica psychologica se intitula *ausencia de tempo de reacção* — e seja uma folha pensadora e reflexiva, tão ponderada quanto energica, sem partidatismo e sem pruridos de maldizentes despeitos.

Oxalá, força dinamica do Brasil futuro, esta mocidade que palpita em S. Paulo inscreva em sua flammula de guerra, ao contrario de nós peccadores, a solarenga incorruptibilidade do lemma de Julio Ribeiro:

« O homem que sabe servir-se da penna, que pode publicar o que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a Verdade, deixa de cumprir um dever, commette o crime de covardia, é mau cidadão! ».

ARGYMIRO ACAYABA

## Nevrose

I

« o beijo  
É a cellula viva da amizade! »

Quando contraio os labios p'ra beijal-a,  
Num desejo febril e voluptuoso,  
Ella arripia a cutis cor de opala...  
— Tenho pontadas subitas de goso!

E beijo-a insaciado... Ora o sedoso  
Velludo de seu braço, onde trescala  
Um cheiro electrizado; ora, nervoso,  
A fronte, a bocca, o seio, o olhar, a falla...

E, até que o somno venha entre bocejos,  
— Si ella afasta-me a bocca, dou-lhe abraços...  
— Si ella afasta-me os braços, dou-lhe beijos...

E, ébria, ella adormece nos meus braços,  
Ao som dos absynticos harpejos,  
De um cantico de beijos e de abraços!

II

Quando te estendes sobre o leito, quando  
Pulsa-te o sangue em plena magestade,  
Em frenesis electricos, viçando  
A frescura de tua mocidade;

Quando teus seios, linda, espreguiçando,  
No docel de teu ventre, a puberdade,  
E que teu corpo treme, desejando...  
— Na subita loucura da Vontade...

E que teu collo — oceano de desejos! —  
Arfa, palpita e s'estremece como  
Fosse uma bocca ansiosa por dar beijos...

Um frio m'enregéla os olhos pasmos!  
Tenho vertigens; n'um cruel assomo  
Min' alma sente eroticos espasmos!

(dos CANTICOS DA NOITE)

H. Duque Costa

## Centro Academico XI de Agosto

O distincto academico Mucio Costa, candidato ao cargo de Presidente do Centro Academico XI de Agosto nas proximas eleições, acaba de publicar o seu manifesto-programma.

O distincto candidato começa explicando aos seus consocios e collegas, a sua attitude em face dos acontecimentos dessa campanha que de ha muito vem iniciada. Cheio daquella grande modestia que o caracteriza, explica elle ainda, a origem da sua candidatura, filha unica da vontade de um grupo de seus amigos e admiradores, que a muito custo, convenceram-n'o de que elle devia apresentar-se candidato. Depois de um praso imposto pelos seus admiradores, Mucio Costa, temendo que uma nova recusa da sua parte fosse interpretada como uma prova de desconsideração resolveu aceitar essa indicação e declarou-se candidato. Teve como encorajamento para essa empreza, a boa vontade, a criteriosidade e o talento desses seus amigos que serão os seus futuros auxiliares, caso, como é de esperar, as urnas lhe deem maioria de votos. Isempto de odios partidarios ou qualquer especie de sectarismo, depois de declarar-se divorciado da actual orientação da Directoria cujo mandato termina, Mucio Costa, mostra em linhas geraes, o seu brilhante programma, só digno de elogios, por parte daquelles que amam o «Centro» e que por certo são todos os que se interessam pela nossa Faculdade e são guardas fiéis da tradição da nossa querida Escola. São pontos capitais do seu programma, os seguintes: a) Promover o desenvolvimento das relações sociaes do «Centro» por meio de festas e certamens. E' esse um dos pontos dos nossos Estatutos, até agora não executado cabalmente.

b) Arranjar para esse fim, e para commemoração das festas nacionais, uma subvenção annual com o congresso legislativo do nosso Estado.

c) Trazer por intermedio da sua illustre comissão de syndicança, uma rigorosa vigilancia na admissão de consocios, para evitar que, muitas vezes, elementos extranhos á classe e infensos ao espirito de solidariedade academica, nella se emiscuam prejudicando-nos bastante, como já se tem dado.

d) Procurar com a maior urgencia por em execução logo que sejam approvadas em sessão, as propostas dos consocios, respeitando assim a vontade dos seus membros. Assim, a erecção da herma a Eduardo Prado e a criação da Caixa de Auxílios Mutuos aos collegas pobres, tornar-se-ão muito em breve uma realidade.

e) Trabalhar para que sempre em ordem andem as finanças do Centro. Nesse ponto, louva elle a actual Directoria.

f) Cumprirá fielmente os Estatutos, assegurando aos socios liberdade de consciencia e de opinião, procurando comtudo, evitar que o «Centro» tome parte em questões politicas ou religiosas.

g) Cumprirá rigorosamente o que os collegas, amigos e associados lhe determinarem. São esses os pontos principais do seu brilhante programma administrativo.

Animados desses mesmos sentimentos, diz ainda o Snr. Mucio Costa, estão todos os seus companheiros de chapa, valorosos e intelligentes companheiros de luta.

Depois de explicados os seus intuitos, passa elle a apresentar

cada um dos seus companheiros e futuros auxiliares da sua Directoria cujos nomes publicamos em outro logar.

Depois da apresentação detalhada e biographica de cada um destes auxiliares, Mucio Costa, appellando para o espirito de justiça e independencia dos seus collegas, amigos e consocios, espera a sentença merecida que ha de sahir das urnas, apoiando ou não os seus intuitos. Por certo que, no dia da eleição a voz da justiça fallará bem alto, elegendo aquelle que tem um tão primoroso programma e conta com o auxilio de amigos tão criteriosos e intelligentes como são os seus. Não somos partidarios. Não temos mesmo sympathia pessoal e exclusivista por este ou aquelle candidato. Apenas ao lermos o manifesto Mucio Costa, não pudemos conter os nossos enthusiasmos e os nossos applausos por um tão salutar programma administrativo. Não visamos os homens, mas sim as ideias que elles representam e prezam. Assim, estamos certos, pensarão todos os academicos de S. Paulo. Fazendo este resumo do manifesto Mucio Costa, só temos em mira orientar mais a classe academica, pela qual trabalhamos e para a qual desejamos todo o bem estar e felicidade. Esperemos a decisão das urnas.

## Bilhetes Postaes

I

A Eurydice

*Meu amor: Ha apenas vinte dias que te conheci de novo. Não te admires dessa minha expressão: que te conheci de novo...*

*Digo assim, porque de ha muito eu te conhecia, de ha muito eu te sabia intelligente, de ha muito eu te sabia bella e graciosa. Mas meu amor, o meu coração nesse tempo ainda se conservava frio como uma lamina de aço, inclemente como o agulhão, duro como a faldadura. O meu coração nesse tempo ainda não havia recebido do teu essa fagulha preciosa que havia de vir atear no meu, o fogo abraçador do Amor.*

*Faz hoje vinte dias que no meu coração se ve o fogo do Amor ardente que te consagrou; por isso que ha vinte dias que te conheço. O Amor foi a chave preciosa que abriu tu' alma a mim, para que eu faça della o templo das minhas preces.*

*Agora uma coisa: Não estranhes se após vinte dias apenas de vida amorosa, eu já te escrevo este bilhete. Que fazer? Quem ama intensamente como eu te amo, não é um desvaivado? Quem por ti dá a vida, não é capaz de fazer destas loucuras? Certo que sim!... Não te zangues por isso. Este bilhete foi-me dictado pelo Amor, escripto com o sangue d' alma — a lagrima cálida da paixão e com a setla de Cupido transformada em penna. Espero teu perdão e tua resposta. Beijá-te as mãos o teu e só teu sempre*

Dolor.

E' a seguinte a chapa completa do partido *mucista* ás proximas eleições do Centro Academico Onze de Agosto:

Presidente: MUCIO COSTA (4. anno)  
Vice-presidente: VICENTE DIAS PINHEIRO (3. anno).

1. secretario: PEDRO RODRIGUES DE ALMEIDA (1. anno).

2. secretario: DOLOR BRITO FRANCO (1. anno).

1. orador: RICARDO GONÇALVES (3. anno).

2. orador: PEREIRA NETTO (3. anno)

Thesoureiro: ARNALDO BASTOS (1. anno).

Bibliothecario: ANTONIO DEFINE (3. anno).

Procurador: FRANCISCO DE CAMARGO PENTEADO (1. anno).

Archivista: DURVAL REBOUÇAS (1. anno).

Commissão de redacção:

EUCLYDES GOMES (4. anno).

ARGYMIRO ACAYABA (1. anno).

JOSÉ DE CARVALHO MARTINS (1. anno)

JOÃO CESAR SOBRINHO (2. anno).

Commissão de syndicança:

ALVARO TEIXEIRA PINTO (2. anno).

MAURO VERGUEIRO (1. anno).

ALCEU PRESTES (1. anno).

NICOLAU VERGUEIRO (2. anno).

## O Jury no Brasil

Foi em Setembro do anno passado.

Um grave crime se debatia e ia ser julgado pelo tribunal do Jury do Rio de Janeiro. Nomeado pelo Centro Academico, eu fazia parte da commissão dos dez encarregados de auxiliar a accusação particular e de acompanhar o processo. Era o crime da primavera de sangue. Iam ser julgados o mais horripilante mandatorio de um crime, hoje cap. Wanderley, e os bandidos Bacurão, Turquinho, etc.

Foi, então, nessa occasião memoravel, que eu ouvi o maior libello contra o Jury, da bocca do grande tribuno Evaristo de Moraes, um dos unicos que defenderam até hoje, a instituição do Jury no Brasil. Elle e Ruy Barbosa, o maior brasileiro vivo, são os dois unicos luzeiros defensores do Jury no Brasil. Mas, as infamias praticadas naquella epoca, as miserias e as torpezas daquelle Jury, fizeram com que Evaristo de Moraes, atacasse a instituição que elle com todo o calor da sua alma vibrante de publicista, com todo o seu enthusiasmo de intrepido defensor das idéas livres, um dia defendeu. E' que a realidade se apresentou dura e inexoravel diante de si, fazendo-lhe vêr então os pontos máos do tribunal do Jury. De facto, o Jury é uma instituição viciosissima hoje. Não ha entre os juizes de facto, uma verdadeira comprehensão do seu papel importantissimo. Elles não comprehendem, que das suas decisões depende o bem-estar de uma familia, a desafronta de uma sociedade, o engrandecimento da Justiça! Isso, na grande maioria dos jurados brasileiros, que em geral, sao homens, sem a devida noção do direito, sem a comprehensão das boas normas sociaes, espiritos rusticos, com mais tendencias para perdoar do que para fazer justiça. Para mim, nesse caso, ha duas especies de jurados máos: primeiro, os conscientes; segundo, os inconscientes. No primeiro caso estão os homens entendidos que para alli vão, com a sentença dada antes de conhecer o processo, antes de analizar as provas do crime, simplesmente porque ou o advogado, ou o promotor, seus amigos, já lhe pediram a condemnação ou a absolvição do réo. No segundo logar, estão os ignorantes de materia criminal, ou mesmo os ignorantes de tudo, que só sabem desenhar o nome, que aprenderam para votar na ultima eleição.

Esses individuos, como a maior parte dos homens, teem sempre muito pronunciada a sensibilidade. Comovem-se vendo uma mulher dando de mamar a um filhinho, ou um desfilar de orphãos, com feroce citação de Le Bon, na sua Psychologia das Multidões. Dito isto, está dito tudo; esses entram para o tribunal do Jury e ahi, incondicionavelmente, absolvem estes e aquelles, innocentes e criminosos. Fazem parte deste grupo, os que, no acto do julgamento, tiram a sorte, acompanhada do classico «seja tudo o que Deus quizer», condemnando ou absolvendo. Esses, são os jurados que não acompanham com interesse o desenvolvimento das provas dos autos, na defesa ou na accusação. dormem, durante a leitura do processo e durante os debates, olham a todo instante o relógio, pensando nos seus afazeres, ansiosos porque acaba aquella estopada, não ligando a menor importancia ao caso. E esses são juizes! Envergam com a tremenda responsabilidade de julgar seus semelhantes. Estes não

comprehendem que o jurado, juiz de facto, é quasi um Deus, sem sacrificio, é um homem julgando outro homem, é uma consciencia dictando sentenças, um espirito bom, corrigindo perversidades! Não comprehendem isso! Vão ao Jury, para não tomarem a multa de 20\$ e nada mais. Sobre todas essas calamidades, ainda se deve juntar a politicagem e a influencia das mulheres. Esta ultima parte parece irrisoria mas é real. Advogados ha, e muitos, que censuram com muito ardor o pedido de indulgencia para os constituintes, taxando de indignidade o forçar-se uma consciencia, confiado apenas em pedidos de amigos. Mas os advogados que não pedem directamente aos jurados, a absolvição dos seus clientes servem-se deste strategema: pedem aos protectores dos réos para intercederem junto de suas esposas para que peçam ás suas amigas esposas dos jurados, que convençam seus maridos de que devem absolver o réo que será defendido pelo advogado tal. A mulher, inconscientemente serve de instrumento ao advogado, abusando assim, da grande influencia que exerce sobre o espirito de seu marido. Esse, felizmente é um costume que ainda não se generalizou no Brasil, mas do qual infelizmente, já ha muitos exemplos. E, sobre esse quadro triste, do que é a instituição no Brasil, acrescenta-se ainda como fundo escuro, a pressão auctoritaria que muitas vezes ha sobre o espirito dos jurados.

Haja vista o que se deu no segundo julgamento dos réos da primavera de sangue, onde a pressão exercida por um filho do Presidente da Republica e por meia duzia de officiaes socios do Club Militar, fez com que os jurados ameaçados com os arreganhos de um infame estado de sitio, absolvessem os maiores culpados e condemnassem os mais innocentes. E é assim que se faz o jury no Brasil!

E é essa instituição que Ruy Barbosa, a individualidade hoje mais querida no Brasil, defende com todo o seu ardor, com todo o seu enthusiasmo, chamando-a de «arca santa das nossas instituições.»

Eis, em traços geraes, o que é o Jury no Brasil. E estou certo que, ao traçar este artigo, ninguém, criteriosamente, m'o contestará.

O fim para que foi creado o Tribunal do Jury é optimo; a instituição é boa, mas é dessas que se tornam pessimas, pelo abuso constante dos que não a comprehendem, dos que abusam della. E sobre as miserias todas do nosso Jury, sobre esse quadro horrivel da missão de julgar no Brasil, sobre essa miseria de consciencias farrapos, eu só lastimo que se não procure um meio de melhorar essas vergonhas, de dissolver-se essas cores negras que empanam o brilho de uma tão boa instituição, para que ella deixe de assombrar o espirito dos que ainda não se perverteram, dos que têm uma consciencia, um caracter, uma dignidade!

Oxalà que melhores dias ainda eu possa ver, e que quando acharem que no Brasil tudo se acha atropiado, aniquilados os principios de civismo, mortos os deveres do cidadão, eu ainda possa ouvir os clamores dos clarins da victoria da Consciencia, entoando um hymno á soberania dos principios civicos no Brasil! Nessa era então haverá luz e amor e Justiça e dignidade e soberania e grandeza...

E' só.

S. Paulo-21-1911, Outubro.

BRITO FRANCO

## DENTRO DO MOSTEIRO

As aulas tinham-se reaberto naquella dia. A' porta da sala do primeiro anno estacionava, em algazarra ensurdecadora, uma multidão hostil de veteranos.

A espaços entravam calouros aos trambolhões, o chapéo no ar, a cabelleira revolta, despertando hilaridades e apupados. Os veteranos riam ruidosamente, ás gargalhadas, fazendo estalarem cachuletas nas costas dos collegas novos, enquanto outros caavam-lhes as roupas de farinha de trigo.

A's vezes o alarido augmentava. Era algum calouro *prosa* que apparecia. Esse, segundo as praxes, deveria soffrer um trote especial. Detinham-no, desfaziam-lhe o penteado, esaboavam-lhe os cabellos, pintavam-lhe a rolha queimada uns grandes bigodes negros — e o arremecavam violentamente para o meio da sala, toda a escorrer farinha, sob uma ruidosa aclamação de vaías e de apupos...

De subito, porem, fez-se um silencio. E, grave, caminhando lentamente entre as alas respeitadas dos rapazes, onde todavia ainda resoavam os derradeiros ecos das gargalhadas — o lente atravessou a sala e subiu á cathedra, solenne como um sacerdote no seu culto.

Fez-se a chamada, longa, interminavel, dos cento e setenta calouros.

E, debil a principio, mais forte depois, a voz do lente encetou o cavaco tradicional.

Era horrivelmente monotona aquella voz monocordia sem nuanças, rosoando sob as severas abobadas daquelle sala quasi sem adornos, de decorações sobrias e paredes nugas.

Apenas ao fundo havia um quadro: um busto a oleo, em tamanho natural, de um velho austero, de longas barbas, testa enrugada e immensa de pensador, olhos penetrantes e vivos, physionomia energica de homem de convicções inabalaveis. — Quem seria? perguntei a um collega.

— Deve ser de um lente antigo — respondeu-me. Vê-se pela sua physionomia que tinha a tempera forte dos homens do imperio. Era monarchista, não pôde haver duvida...

E, com effeito, na physionomia do velho, espelhava-se toda a energia, toda a austeridade e toda a solidez de caracter dos antigos homens. Sim, devia ser de um mestre de Direito dos tempos passados; de um mestre que decerto fizera as suas preleções, daquelle mesma cathedra, a gerações extinctas de estudantes...

A sua figura, serena e forte como a de um sabio, impressionára-me.

E, enquanto sob as severas abobadas daquelle sala cheia de um passado ruidoso e esplendido, resoava a voz monocordia do meu lente — eu, invadido por uma somnolencia invencivel, que me predispunha ao sonho, fui, com os olhos fitos naquella retrato a oleo, revivendo pela imaginação a vida alegre e magnifica da Academia antiga...

Veni-me á lembrança a figura romantica de Alvares de Azevedo, recitando versos nas tascas, á luz tremulante de candelieiros... Surgiram-me defnte dos olhos vultos esguios de bohemios, embaçados nos seus capotes, em serenatas alegres pelas ruas desertas, abrumadas pela garoa...

Mas subitamente estremecei. A figura pintada a oleo abria a bocca num bocejo e estrepitava-se na sua poltrona de velludo.

Tomado de susto desviei os olhos, mas o meu espanto foi maior, pois a sala estava deserta, vazio os bancos e, na cathedra solenne, não mais falava, com a sua voz monocordia, o meu primeiro mestre de Direito.

Teria dormido? Mas um calafrio percorreu-me o corpo: o retrato do velho mestre desceira da sua moldura dourada e se aproximava lentamente de mim, as mãos enterradas nos bolsos, extremunhado, como se tivesse acordado de um grande sono.

O terror fez-me dar um salto e correr á porta da sahida: mas foi em vão, pois o trinco não cedia. Eu me arremecava furiosamente contra a porta, que estalava e rangia sem abrir-se. E a figura do velho, agora com apparencia de homem vivo e real, detinha-se impassivel, as mãos unidas nas costas, olhando o tecto e bocejando, sem se preocupar absolutamente comigo.

Mais calmo, tentei uma ultima e desesperada investida para safar-me, mas foi em vão. Eu estava exaustão. Quiz dar um grito, mas não tive forças.

O velho olhou-me despreocupadamente, sem dar importancia alguma á minha presença, bocejou mais uma vez, e disse com voz magoada, desculpando-se:

— O senhor parece que está com medo de mim... Eu não lhe faço mal. Desci da minha cadeira porque a immobildade me cansa...

Falára pausadamente, e em ar tão humilde, que eu me senti tranquilizado. Depois deu alguns passos vagarosos, fazendo um ruido muito leve, como se estivesse descalço, enfiou as mãos nos bolsos, e bocejou com um tédio immenso, olhando as paredes nugas. A cabeça estava deante de uma janella, a cabeça erguida, olhando para fóra das vidraças.

Puz-me, então, a observar-o com curiosidade. A sua roupa era velha e russa como a de um operario, as calças possuiam joelheiras, as botinas estavam cambadas. Tinha os cabellos em desalinho, e na sua physionomia pairava esse ar de aborrecimento dos vencidos da vida.

Foi-se, então, formando em mim, por aquelle pobre fantasma, ao mesmo tempo que uma grande commiseração, uma verdadeira sympathia. Tive impetos de falar-lhe. E aventurei com voz tremula:

— Se o conselheiro me permite a liberdade, ha muito tempo que vive neste sala?

Elle não se mexeu. Continuou na mesma posição, as mãos nos bolsos, olhando distraidamente alguma cousa que estava do lado de fóra da janella. Depois voltou-se para mim, examinou-me de alto a baixo com olhar penetrante, como se quizesse devassarmé até o fundo da minha alma, esfregou os olhos e exclamou sacudindo desconsoladamente a cabeça:

— Fazem vinte e dois annos... Vinte e dois annos, filho!

Fez uma pausa e accrescentou:

— Ha vinte e dois annos que não articulo uma só palavra, enjaulado naquella moldura... O menino decerto ainda não tinha nascido quando comecei a soffrer este supplicio...

Concordei. Elle collocou de novo as mãos nas costas, abaixou a cabeça, deu alguns

passos afastando-se de mim e, tornando por fim á posição primitiva, exclamou com serenidade:

— Ha de concordar que os senhores seriam mais humanos se me poupassem este soffrimento... Ha vinte e dois annos assisto daquella cadeira, estupidamente, sem um movimento e sem um protesto, ao espectáculo desolador da decadencia...

— Da decadencia? — interroguie. Da decadencia de que?

— Pois o senhor me pergunta? — respondeu irritado. Da decadencia da Academia, deste antigo ninho de aguias...

— Pois a Academia...

— E' um vulcão extinto!

Os seus olhos brilhavam extraordinariamente, cheios de um fogo estranho. Eu o olhava com espanto esperando uma explicação. Elle scacudi desconsoladamente a cabeça e continuou em tom de discurso:

— A fibra heroica, que fazia vibrar a Academia de hontem, obliterou-se e morreu... A instituição envelhece, caminha para a senilidade... Oh! se o menino tivesse visto o que foi a Academia do meu tempo! Aquillo é que era vida! Um enthusiasmo, uma febre! A Academia sempre fazia falar de si.

A policia respeitava-a. Os governos temiam-na como a uma força invencivel, sempre á lerta, prompta a fulminar todas as tyrannies com o fogo divino da sua eloquencia esmagadora...

Sobravam-nos os grandes talentos, davamos direcções novas ao pensamento nacional, influíamos na politica, introduziamos novas escolas na literatura patria...

Fomos Alvares de Azevedo e Castro Alves na poesia, fomos Bernardo Guimarães e Raul Pompéia no romance, fomos Rio Branco e Nabuco na diplomacia, fomos Ruy Barboza e Lafayette no Direito!

Em nossas festas marchavam pelas ruas, em bandos, cantando. Tinhamos alegria, uma alegria immensa que nos embriagava como um vinho forte e se apoderava completamente de nós...

Em periodos de agitação politica eram tão frequentes os nossos comícios nas ruas, tão entusiasticos os nossos discursos, tão vibrantes os artigos com que enchíamos os nossos jornaes...

e tão grande a nossa influencia sobre a opinião publica que os governos amedrontados fechavam a Academia como uma medida de ordem... Hoje...

Sacudiu a cabeça com desconsolo e proseguiu:

— Hoje o paiz inteiro se convulsiona numa luta politica sem igual, a agitação penetra em todas as classes, apodera-se de todos os espiritos, succedem-se graves acontecimentos com uma frequencia assustadora, travam-se luctas de partidos, de classes e de poderes...

que faz a Academia? A não ser uns dois ou tres comícios e alguns discursos a portas fechadas nos seus clubs, deixa-se ficar indolentemente, quasi impassivel, deante da fogueira que alastra...

Não toma parte activa no combate. Não se convulsiona. Se fosse no meu tempo se teria inflammado, como uma bomba que explôde, e teria combatido, soberbamente, na vanguarda!

Os senhores não têm nervos...

Eu me sentia esmagado e ofendido nos meus brios de academico. Subiu-me o sangue ás faces e ia responder, mas elle fez um gesto imponente e continuou:

— Oh! A Academia era um vulcão, meu amigo! Um vulcão! Irradiava para todo o paiz uma grande luz espirital, uma grande luz de idéas!

Era um vulcão em chamma illuminando um povo! Todo o paiz a ouvia tal era o seu prestigio. O punhado de moços, que a frequentava, vivia, com uma intensidade vertiginosa, a propria vida de toda a nação.

Porisso ella foi, para a nossa nacionalidade, o grande viveiro de homens. "Ninho de aguias" — chamavam-na. E era. Hoje os senhores talvez nem possam ter uma idéa exacta do que foi esta casa no seu periodo aureo...

Os diferentes são das gerações extinctas... Se a tivéssemos haviam de se envergonghar deante do contraste formidavel das duas épocas...

Haviam de ficar esmagados!

E ao dier estas palavras, o mestre, erguendo-se nos bicos dos pés, sacudia os punhos ameaçadores, num gesto irreprimevél de revolta, Transtornára-se-lhe a physionomia.

Quiz falar mais; a voz morreu-lhe na garganta. Parou. Voltou-me as costas, andou alguns segundos pela sala, cabisbaixo, as mãos enterradas nos bolsos.

Depois fitou-me aggressivamente o seu olhar duro e frio como um punhal, e falou erguendo a mão callosa num gesto de tribuna:

— Onde está a mocidade que a não vejo? Morreu? Morreram todos? Não me digam que ainda vive, porque eu só vejo fatos novos talhados pelos ultimos figurinos...

E por cima desses fatos vejo chapéus dos ultimos moldes e, por baixo, botinas de verniz...

Não vejo nada mais. Grande trabalho teria Diogenes se quizesse procurar entre vós, essa cousa, rarissima neste tempo, que se chama — um moço!

O seu olhar, frio e hostil, continuava a fitar-me com desprezo. Eu sentia crescer dentro de mim uma grande revolta.

Tambem era demais! Com que direito aquelle homem vinha insultar, com tanta brutalidade, no meu rosto, o meu tempo e a minha classe?

Tive ímpetos de agarral-o e suffocal-o dizendo: «Vês? Aqui está um pulso de moço! Achas que é uma cousa rara? Pois tomo lá!»

Mas num relance comprehendí a minha situação; eu não estava deante de um homem, mas deante de um fantasma!

Um pavor apoderou-se de mim, mas eu fiz um esforço supremo para readquirir o sangue frio, e, já mais calmo, disse:

— Perdão, mas o senhor nos julga com uma injustiça que revolta...

Não anda guardamos as gloriosas tradições deste ninho de aguias. Ainda vibramos e agimos com o mesmo enthusiasmo, o mesmo calor e a mesma fé dos tempos idos...

— Não fazemos tropelias pelas ruas e não somos respeitados pela policia, é porque a isso se oppõe o nosso estado de cultura...

— Quería o senhor uma Academia de arruaceiros?

Elle levantou a cabeça com os olhos cheios de fogo e exclamou com vehemencia:

— Não, o senhor não me comprehendeu. Não quero uma Academia de arruaceiros; quero uma Academia de intellectuaes, quero uma Academia que vibre!

O que eu detesto, profligo e condemnô é a apathia actual. E' esta mocidade de velhos precoces. E' a Academia, indifferente e sem vida, dormindo á sombra dos louros antigos e desmentindo um passado glorioso.

Queria vel-os, como outr'ora, convulsionados pelas grandes idéas, e em luta!

Quería vel-os na praça publica, nos comícios, batalhando por idéas! Quería vel-os, como «incaçaveis sacerdotes da gloria», no culto nobre das letras e das idéas,

e não ás portas dos cafés e cinematographos, como perfectos dandys, discutindo futildades!

Num livro de versos de academicos, publicado no meu tempo, o escriptor que o prefaciava dizia que a vida dos estudantes dessa época podia ser definida com estas palavras: estudos de todos os generos, associações literarias, clubs politicos, jornaes, revistas, folhetos, livros sobre todos os assumptos.

Era esta a occupação da mocidade na época do esplendor da Academia. Hoje não se pôde dizer o mesmo.

A Academia fez-se burgueza. O academico perdeu a sua apparencia de bohemio: trocou a longa capa negra pelo fato elegante e irreprensivel do dandy, e a sua grande alma cheia de fé, de esperança e de fogo, por uma indifferença gelada, um scepticismo acabrunhado, proprio de velhos desilludidos.

Foi vencido pelo costume, que o absorveu, impondo-lhe os seus costumes, as suas maneiras e até a sua cultura. E pensar que tenho de assistir á derrocada até o aniquillamento final...

Eu, que vi serem feitos na Academia projectos, de leis que depois serviram de modelo a outros adoptados pelo governo!

Eu, que em 1870 via inaugurar-se o principal theatro da cidade com um trabalho de um academico!

— Mas perdão! — retorqui, julgar-nos desta maneira é commetter uma injustiça monstruosa!

Nos não podemos ser responsáveis pela decadencia do nosso prestigio, porque essa decadencia teve razões historicas que a determinaram...

Hoje o paiz está cheio de Academias, de modo que a de S. Paulo não é mais o centro de convergencia de toda a mocidade dos outros estados.

Passou a soffrer concorrência. Por outro lado o nivel intellectual do paiz levantou-se.

E depois, por que ideal queria o senhor que luctassemos se as grandes idéas já estão triumphantes? se já não ha a escravidão nem a monarchia a combater?

se o paiz atravessa um periodo de paz e de trabalho? Os grandes ideaes não se inventam. Nasceram naturalmente, espontaneamente, no momento opportuno...

Elle teve um riso sarcástico e exclamou: — Que desculpa esfarrapada e que cegueira!

A concorrência sempre foi uma determinante de aperfeccionamento. Para os senhores é causa de decadencia...

Triste defesa a sua... E depois dizer que o paiz vai ás mil maravilhas...

O' cegos! Os senhores não vêm que este paiz atravessa um momento critico, sem igual na sua historia, de abastardamento, de anarchia e de dissolução?

Não comprehendem que é o eclipse da Republica? que é a destruição do passado e uma ameaça para o futuro? Não comprehendem? E não sabem o que faz a mocidade das patrias dignas, em taes condições?

Lucta com alma palpa regeneração, e quando não consegue vencer pela palavra, arremessa sobre as bastilhas as multidões vingadoras...

ás quaes infundiu um ideal... Não viu na Russia? Treppi, que desprezava todos os revolucionarios, tremia ao pensar nos estudantes das universidades...

«Os estudantes... os estudantes... murmurava cerrando os dentes — os estudantes... Elles são os mais responsaveis, porque nelles está a força verdadeira da rebeldia...

Os senhores dormem: limitam-se a maldizer os homens e as cousas nacionais e a dizer que este paiz está perdido...

Nem um grito de revolta! Nem um protesto! Triste mocidade e pobre paiz...

— Eu procurava em vão uma resposta. Por fim, torturado pelo seu olhar hostil, que cahia sobre mim como uma provocação, abri a bocca e comeci:

— Mas o senhor exagera extraordinariamente. Bem mostra ignorar o que faz a mocidade deste ninho de aguias...

— Ninho de aguias? Ninho de pintos, se me faz o favor... Ninho de pintos!

E o fantasma, abrindo a bocca, poz-se a rir como um doido, atrojando a sala com a sua gargalhada sonora.

Eu me sentia desconcertado. Puz-me de pé num salto e respondi com calor:

— Mas o senhor perdeu a compostura... Não discute friamente como um sábio: insulta, procura ridicularisar o adversario...

Elle continuou a rir mostrando os seus dentes amarellos. Depois, fazendo-se mais serio:

— Acalme-se, eu não insulto ninguém... O senhor é que não mostra muita educação falando assim com um velho...

— Mas se o senhor, abusando da sua posição...

— Não discutamos tolices. O menino dizia...

— ... que quer o senhor queira quer não, a Academia ainda é uma collectividade de intellectuaes.

Tem os seus clubs, faz os seus comícios na praça publica, produz os seus discursos vibrantes, tem os seus jornaes, as suas revistas...

— Os seus clubs quasi que se limitam a fazer manifestações aos hospedes illustres que chegam...

os seus comícios são rarissimos; os seus jornaes não passam de uns dois ou tres...

No meu tempo havia mais de uma dezena de folhas academicas; os clubs formigavam pela cidade...

os comícios e as estudentadas em bandos pelas ruas, as conferencias sobre assumptos politicos, scientificos, philosophicos, literarios e sociaes, as manifestações sobre acontecimentos politicos...

eram feitos repetidamente e sempre com um enthusiasmo que os senhores estão longe de possuir...

No meu tempo frequentemente apreciavam livros de academicos. E lia-se, lia-se muito. Os senhores, em grande parte, apenas conhecem os seus compendios quando conhecem...

Em compensação tratam das suas pessoas com um cuidado todo femineo, têm sempre impecavel o laço da gravata, trajam segundo os ultimos figurinos e alguns trazem, nos bolsos, um estojo completo de toilette, com pentes e espelhos, e usam até pó de arroz!

— Mas não são todos! — bradei com indignação. O senhor não pôde julgar uma collectividade por algum de seus membros...

Fala dos nossos typos ridiculos, mas se esquece que elles são de todas as épocas e de que tambem existiram com certeza no seu tempo.

Por outro lado não considera os nossos talentos, os bellos e muitos talentos que ainda possuímos.

Se quer conhecê-os faça o favor de lêr os nossos jornaes e as nossas revistas...

— Sim, não contesto. Os senhores têm muitos e grandes talentos, que fariam figura mesmo nos tempos passados. Mas...

que influencia exercem os senhores no mundo intellectual de hoje? Que movimento literario, pequeno que fosse, lhe devem nestes ultimos tempos as letras nacionais?

Qual o academico que tem hoje reputação como escriptor? Nenhum. Apesar dos seus grandes talentos a decadencia desta casa é indiscutivel.

Adeus, periodos de agitação! Adeus, dias de febre e de enthusiasmo! Hoje está tudo morto. Os senhores deixaram morrer o fogo divino. Só ha ruínas, e do incendio, uma flammazinha pallida e motifubunda...

Está tudo acabado. A Academia morreu!

Mas de subito o velho mestre estremeceu. Ouviu-se nesse momento uma grande algazarra que vinha do lado do pateo.

Eram os calouros que voltavam a assistir a segunda aula.

Elle não conteve uma exclamação que me pareceu um soluço. Olhei-o: tinha os olhos rasos de lagrimas...

— Quiz falar, mas a voz ficou-lhe na garganta. Por fim, erguendo o braço para o lado donde vinha o alarido, estubo no ar um gesto enigmatico, e subitamente a sua figura desvaneceu-se no ar.

Olhei a moldura doirada e vi-o de novo, immovel, sentado na sua poltrona de velludo.

Fôra atroavam gargalhadas sonoras, havia gritos de alegria, palerastravam alto.

De repente a porta abriu-se e a turba ruidosa dos moços entrou na sala com estrondo...

CLOVIS RIBEIRO.

### Carne

Carne, insaciavel Carne! Em vão procuro Dominar-te e vencer-te... Oh, quem me deya Malar-te, assim como num antro escuro Malam os caçadores uma fera!

Em vão! Na jaula deste corpo impuro Ruges vabiando aos saltos, ó panthera, E não ha ferro em brasa ou golpe duro Que te curve a cabeça de chimera.

Pedes, dum canto da gaiola, vividos, Postas sangrentas, postas palpitanes Do meu ideal, e atiro-lo a pedações...

E, após saciar-te, as unhas encurvando, Ruges, ó Carne! e as unhas lacerando, Cravas nas minhas mãos e nos meus braços!



### Saudade

Orgulho, desce os olhos do céo sobre ti mesmo! — BYRON

Essa velhissima e acabada historia, De que nós fomos os protagonistas, Fala-me ao estro e fala-te a memoria, Apenas se entrecruzam nossas vistas.

Olho-te frio. E tu, fria e marmorea, Mostras no olhar, que contra o meu enristas, O espirito de audácia e de victoria Da gente afeita aos triumphos e ás conquistas!

E me pelo outro tão distantes, tanto! Apesar de tão proximos, passamos, Que os que nos olham enchem-se de espanto.

Mas, nesse mesmo enorme alheamento, Na propria indifferença que estadamos, Ai! que saudade e que arrependimento!

A. Prado Sarti



### Passionaria

Quem diria, minha bem amada... Quem diria que sob o azul luminoso dos teus encantados olhos escondia-se a treva má de uma tração...?

Falavas com tanta ternura, sorrias tão alegre e dizias taes cousas, que eu, illudido, julgava-me o homem mais feliz da terra. Que mais poderia desejar? Riquezas? Pois eu não tinha o ouro rutilo do teu cabello? Glorias? Se outros eram acclamados por multidões em delirio, eu não recebia a ovação sônorá do teu beijo? Poder? Não possuia eu os teus olhos? não possuia a flôr rubra da tua bocca?

Que mais poderia desejar se realisavas todas as minhas ambições, embora eu tivesse todas as ambições dos homens?

Como era feliz! Quando andava pelo campo, em dias de grande sol, as flôres falavam-me, queriam que eu as levasse para ti. — «Vê como sou bonita — dizia uma. Vê que perfume tenho. Que figura faria no cabello della!». — Mas para que havia de levá-las, as florinhas cheirosas, se a tua bocca é tambem uma flôr — a mais rubra que conheço?

Os teus labios são a corolla sanguinea, os teus dentinhos lacteos são os pistillos, o aroma é o teu halito.

E, mesmo longe de ti, andava

tão encantado com o ouro maravilhoso dos teus cabellos, que parecia-me vêr por toda a parte, nas arvores, nos regatos e nos montes, milhares de cabelleiras fulvas e radiosas, feitas da luz do sol...

Mas agora, minha bem amada, quando ando pelo campo, em dias de grande sol, não ouço mais a voz aromada das flôres. As pobrezinhas morreram, morreram todas ao saber a triste verdade. Apenas o vento, que sussurra nos galhos orphans, fala-me ás vezes e diz: «esquece-a!» E eu procuro esquecer, mas logo vejo, feitas de sol, tantas cabelleiras de ouro espalhadas pelas arvores, pelos regatos e pelos montes, que a tua imagem volta-me de novo á lembrança como uma obsessão cruel.

E eu digo ás arvores, aos regatos e aos montes:

— Quem diria que havia tanto fel no vermelho sanguineo da sua boquinha aromada...? Quem diria...

E as arvores e os regatos e os montes respondem pela voz do vento, que sussura nos galhos orphans: quem diria... quem diria...

MARCELLO

### ARARIPE JUNIOR

A morte de Araripe Junior, occorrida ha pouco no Rio veio enfraquecer profundamente a ala gloriosa dos mestres da moderna literatura brasileira.

Critico e autor de obras de ficção, Araripe conseguiu firmar um nome invejavel, representativo e sympathico, alliando ao genio e laborador uma rara e maravilhosa finura de percepção artistica. Na critica, principalmente, elle se caracterizou por uma physionomia adoravel, ao ponto de restituir esse difficil ramo da actividade mental á sua justa função — de ventiladora serena e impessoal das produções de arte.

Quando Araripe surgiu, a critica era no Brazil um synonymo de satyra. A apreciação litteraria era um pamphleto entregue á esterilidade do achincalhamento. O illustre escriptor, contrariando as suggestões do ambiente tirou á critica esse caracter de elemento deformativo e pessoal, dando-lhe o fito elevado, significativo e social, de intervir intelligentemente nas obras de arte, ás quaes exalta ou corrige com um sorriso de bondade, sem violencias, sem asperdiões, assim como aos autores jovens inspira a frescura de novos themes e perdôa os exageros do indetinitismo...

Emfim, Araripe Junior tudo mereceu de nós os moços, porque elle não tratou simplesmente de possuir a delicadeza buriladora de um orives das letras, ou a severa verticalidade do juiz critico: Araripe foi, sobretudo, um exemplo de homem superior aos vicijs do meio, pelo coração e pelo espirito: — a cultura da intelligencia fortemente cimentada pela cultura moral.

É isto bastaria para que A Fanfarrá delle se lembrasse no dia de hoje, em que surge á luz.

### Voe victoribus!

Foi numa noite tragica de 1807, quando ainda vibravam no espaço as ultimas detonações do desastre de Iena. Havia por toda a parte sobressaltos e pavores. Napoleão — o monstro sublime — depois de esmagar o exercito prussiano e apoderar-se de Berlin, promovia agora a assignatura de um tratado que retalhava a Prussia e a prohibia de ter mais de 45.000 homens em armas.

A Allemanha jazia ensanguentada, vencida, humilhada. Um desalento enorme se apoderára de todos os espiritos. Então os estudantes da Universidade de Iena, tomados de desespero e de descrença, dirigiram-se á casa de Goethe, vestidos de lucto, num prestito silencioso — e um delles, adiantando-se com voz lugubre, perguntou ao mestre aonde estava a patria.

O côro dos moços murmurou uma ladainha funebre, como se a patria tivesse morrido. Mas elle, o maior genio do seculo, não desanimára. Ergueu o braço e, apontando as torréas da Universidade, exclamou cheio de fé:

— E' ali! A Patria está ali! E' certo que a situação de nossa patria não pôde ser comparada á da Allemanha em 1807, mas é incontestavel que uma grande crise empolga-nos, ameaçando o futuro de dias tempestuosos.

Não foi esta a Republica sonhada pelos revolucionarios de 15 de novembro. Quasi todos os homens da propaganda perderam as convicções antigas, e vemol-os agora, escravos de interesses pessoases — deixando de lado, como cousa inutil, as suas velhas aspirações liberaes — perpetrarem uma politica mesquinha e estreita, de campanario. Não ha partidos congregados em torno de ideaes: ha politiqueros reunidos em verdadeiras empresas para a conquista de posições.

O Congresso Nacional é um eito. As pequeninas questões partidarias tomam-lhe todo o tempo, de sorte que os grandes problemas de interesse geral do paiz são descurados — e só no fim do anno, nas vesperas do encerramento, é que se resolve a votar, atrahoadamente, a lei do orçamento, sempre feita ás pressas e sobrecarregada de despezas inúteis.

A justiça é cousa desconhecida nos Estados, onde os respectivos governos dispõem dos juizes como de escravos, removendo-os e demittindo-os a seu bel prazer.

O exercito e a marinha, divididos pela politica, apresentam um estado lamentavel de indisciplina e de desordem.

Nos Estados do Norte — justamente cognominados de satrapias — meia duzia de politiqueros sem escrúpulos e sem convicções dominam como senhores absolutos, monopolizando todos os cargos rendosos.

O voto livre é uma mentira em quasi toda a extensão do territorio nacional.

A Constituição passou a ser letra morta: as proprias constituições de muitos Estados são as primeiras a infringir-la.

E como se, não nos bastassem tamanhas calamidades, que já não são de hoje, surgem agora, ha pouco mais de um anno, disfarçadas sob os frangalhos da Constituição, aporide todas as tyrannies: a ditadura da espada — monstro hediondo, para o qual não ha justiça nem direitos, que desrespeita tribunales, conflagra Estados, intervem com força armada em eleições, depõe governadores, dissolve assembleas eleitas pelo povo, prende, persegue e mata estudantes inermes na propria capital da Republica, e não tem a seu favor nem o merito da coragem, porque capitula deante de revoltas, amistiando os insurrectos, para depois, covardemente, mentindo aos seus compromissos, mata-os a fome e sede, com requintes de ferocidade turca.

Como a França depois da grande revolução entregou-se á tyrannia de um soldado audacioso, o Brasil — após a sua revolução liberal, deixou-se cair nas garras do militarismo — desse militarismo que ainda ha pouco, em Pernambuco, fazia a apologia do assassinio politico, proclamando a violencia como um meio seguro de vencer eleições.

Mas Napoleão teve Waterloo. Têm-no todos os despotas. Ao voe victis da tyrannia victoriosa, podem os vencidos responder: voe victoribus! porque a justiça social triumphá sempre.

Não se opprime impunemente um povo que levou a sua bandeira triumphante a quatro capitais do continente e abalou, em Haya, o prestigio da força.

Como Goethe em 1807, nós não desanimamos. Não nos abate o spectaculo doloroso de uma patria em dissolução. A mocidade desperta. Ha um brilho de alvorada no horizonte. Ha um rolo de fumo na cratera extincta.

Ai dos vencedores!

LAURINDO GOMES.

### O oceano da Idéa

Um profundo rumor, inclyto e surdo, como o crebro rythmo de um epico poema, enche, harmonioso e bello, a cada vivo assombro do mar, o ether e o mar de uma poesia extrema!

Da equorea espuma, ao sol, — ruicante e polichromico fulge, qual opalina e albuminoide gôma, num cegante fulgor, cada ephemero gômo; e as fronteas imperiaes do recifes estema...

Foge, a perder de vista, ondeando e ardenado, a barra arenosa, de um brilha aspero de esmeril... Ha na soturna briza uma nenia bizarra...

E, a quando e quando, o oceano os ambientes inunda da fria exhalação, salsuginosa e hostil, como a arte de Zola — fertil mas nautica... (bunda...

S. Paulo, 28-10-911.

### SOBRE UMA LULA

Mão fragil, mão divina, mão de neve, essa que tens, maravilhosa e branca, e tão branca e tão fragil e tão breve que extases bruscos e emoções arranca...

A das freirinhas caridosas deve ser, como a tua, diminuta e franca; mas a das freiras cura, porque é leve, e a tua, porque é leve, é que me espanca!

Não me atrevo a frustral-la, não me atrevo, só com o terror de vê-la, em minha mão, partir-se, desfolhar-se, como um trevo;

emquanto, como um tigre! me assobérba e despedaça e espreme o coração, fragil, tão fragil... mas tão dura e acerba!

S. Paulo, 31-10-911.

Zoroastro Gouveia

POR excesso de materia deixamos de publicar neste numero diversos trabalhos que nos foram enviados. Por esse motivo pedimos excusas aos seus respectivos auctores.

FANFARRA é uma tribuna livre: as suas columnas dão guarida a todas as opiniões, mesmo ás contrarias ao seu programma.

Luiz Carlos Thomaz

## Quinzena Litteraria

«Samuráis e Mandarins»,  
de LUIS GUIMARÃES

E' um livro de primores... Demais, para recomendar-o bastaria o nome do auctor. E' de um filho de Luiz Guimarães, o primoroso poeta, o divinal cantor da «Casa Paterna» e de tantas outras joias rutilantes, que lhe sahiram do cerebro. E' de um «gentleman», de um diplomata fino e insinuante, do chronista primoroso e, sobretudo, do poeta divinal dos «Idyllos Chinezes». Sobre todos, este ultimo titulo basta. E' o livro de um poeta, de um poeta perfeito e harmonico, que acha que a Poesia é o consolo da vida, e que cheio de graça, pergunta no seu primoroso livro. «que seria de nós sem esses bruxos personagens, chamados os Poetas?» De um talento assim, não se pode esperar outra coisa.

\* \*

De todos os livros desta ultima quinzena litteraria. nenhum me impressionou tanto, nenhum me tocou mais no sentimento artistico, como «Samuráis e Mandarins».

E' um livro de luz e ouro.

Quem o lê, experimenta a sensação de que está dentro de um palacio de Phantasias, tendo por sob os pés, desdobrado em manto, um divinal e sublime Arco-iris... E' um livro de amor... Nelle, Luiz Guimarães extravasou toda a sua alma de Poeta, e o seu sentimento de Artista. E' um livro descriptivo e phantástico. Na parte descriptiva, elle nos dá um estudo perfeito, nitido e criterioso, das coisas da terra do sol Nascente. Elle engrandece o sentimento patriótico daquelle povo, a tradição, que elles conservam com grande veneração e religiosidade e o sentimento pronunciado de amor ao paiz, que predomina no coração de cada japonês. Como estudo de costumes, elle nos fornece capitulos como: «A Geisha», «Nas montanhas do Chuzenji», «A cerimonia do Chá», «O Kuruma-Sá» e outros. Sobre a arte no Japão, elle nos fornece um capitulo como «O Theatro Japonês e a Snra. Sada Iacco», os «Poetas Japonezes», «Os Templos de Nikko», etc... Só nesses trez capitulos estão condensados a arte dramatica, a esculptura, a pintura e a arte poetica no Japão. Falla ainda sobre a Arte da China, o capitulo da segunda parte, a soberba descripção d' «Os Jazigos dos Ming». Sobre o patriotismo e o sentimento poetico do soldado japonês, dá-nos Luiz Guimarães, um sublime esboço, um estudo mesmo, magistralmente feito, no sublime capitulo: «Os echos da Guerra». Sobre coisas tradicionaes do Japão, afóra os muitos capitulos onde o autor faz o estudo dos diversos costumes do povo, elle nos dá uma noção exacta do tradicionalismo da terra Japão, no primoroso capitulo: «Os 47 Ronins».

Agora, que direi sobre a Phantasia do livro? Que direi sobre os hymnos de Amôr que elle tem, sobre a Poesia que elle possui? Luiz Guimarães é o Poeta do Amôr... E' nos seus labios, que eu vejo esta queixa: «as flores do Japão não têm perfumes, assim como o sorriso das mulheres japões não têm beijos...» Que estudos admiraveis elle nos dá da fineza amorosa da mulher Japão! Que estudos bellissimos elle faz, do sentimento e da paixão da mulher da terra do «Sol Nascente!» São capitulos onde a gente vê a alma amorosa do Poeta, retratando to-

das as cambiantes da sua alma de Artista... Luiz Guimarães, como Coelho Netto, gosta do «paiz do Azul», ama a Phantasia, guarda-a no escriptorio precioso da sua alma de artista, como se fora um «versiculo do Al-Korão, na mesquita de Djadah». E é elle mesmo que nos diz isto sobre a Phantasia, terminando o bellissimo capitulo do seu livro «Os chrysantemos». Diz-lhe a Phantasia: «Sou eu que te ensino a vêr as occultas virtudes dos objectos! sou eu que faço voar o teu espirito emprestando-lhe as minhas azas invisiveis! sou eu que te revelo a elegancia dos arbustos, os amôres das corolas, os enlances voluptuosos dos troncos! E' á sombra da minha voz que dedilhas a lyra em louvor da tua Musa de olhos fatidicos! é ao luar da minha vista que se ascendem as estrellas da tua inspiração! é commigo que descobres o relevo dos symbolos e a magia das imagens! Olha-me bem, poeta dos meus peccados! eu não sou a mulher fascinadora, para cuja bocca vôam os beijos dos homens como um enxame de abelhas! eu não sou a Amante que apunhala nem a Amante que perdoa... sou impalpavel, fugitiva, insexual... sou feita de essencia divina, como a luz e como o radium, e desde tempos immemoriaes trago o pollen que dá vida ás artes entre as petalas dos meus sorrisos!... Eu sou a Phantasia! Adeus!»

E é com este hymno glorioso, cheio de brilho e de Amôr, que Luiz Guimarães termina uma das paginas mais bellas do seu livro. E de facto, é devido a essa explicação bellissima que elle nos dá da Phantasia, que nós vemos o seu bello espirito de Artista, apaixonado pelas pedras preciosas, tendo sobre sua mesa de trabalhos um arbustinho do Japão — lá todos os arbustos são pequenos, — amando e querendo esses seres materiaes, conversando com elles, achando em cada um delles um deus, com uma alma capaz de comprehendel-o. E' assim que elle vai buscar em Platão a origem das pedras preciosas e diz assim: «Os espiritos baixam das estrellas para a terra e logo nascem as gemmas». Com Cardan da Renascença, elle acha que as pedras «nao somente vivem, como soffrem, envelhecem e morrem». Eis ahi até que ponto pode ser sensível a alma de um Artista!... E, tocando neste assumto, eu não posso esquivar-me de citar do livro esta passagem bellissima, proporcionando aos meus leitores alguns momentos de ventura. Diz elle: Eu sempre tive pelas pedras preciosas uma profunda veneração. Cada uma dessas joias, em cujos frios corpos palpitam almas ardentes, é para mim um ser psychologicamente perfeito.

Para mim ellas revelam sentimentos humanos. Em cada uma enxergo uma alma de mulher, — como em cada mulher descubro o espirito de uma joia.

As joias são vivazes e peccadoras! Ellas dão-me as delicadezas dos reflexos e as variaveis energias dos sentimentos. Esta fala-me de amôr, aquella de perdão, est'outra de ciúme. Todas evocam as emoções da vida. A opala, com a sua cambiancia de fogos, a alma humana em toda a belleza da sua volubilidade... E' o Cantico dos Canticos, resumido em um sorriso de Itz! E' uma lagrima destacada do Arco-iris! E' uma gotta de leite onde naufragaram as sete côres do Sol! E' toda a copiosa paixão dos homens revelada numa onda

fluida de deslumbrantes matizes! Devia ter sido de opalas e não de perolas, o collar de Venus-Aphrodita. A opala varia, oscilla, hesita em fixar um clarão, porque ambiciona ao mesmo tempo irradiar todos elles. Na fugaz angustia da existencia o Amôr, gemeo da opala, muda tambem para poder viver. E' na fonte da Inconstancia que o loiro Cupido mata a sêde: as sensações multiplicam-se á doudejante viveza do irrequieto deus! Os beijos de hontem perdem-se na noite, mas no berço da madrugada já cantam novos beijos, nupcialmente... Os amôres variam, como os reflexos da joia, — mas o amôr, como a propria joia, permanece inextinguivel... Que seria della se os seus raios interiores não oscillassem a cada instante? E que seria delle se os desejos não morressem hoje para renascerem mais espertos amanhã? a opala é a joia divina, a que encerra em si mesma toda a riqueza universal do sentimento, a que tem fé, esperança e caridade: a que se aproxima de Deus!»

Que pagina primorosa! Que de primores e de bellezas vemos na pagina branca de um livro! Se tudo do «Samuráis e Mandarins», fosse ruim e essa pagina lá existisse, ella, ella sosinha, salvaria o livro do naufragio do esquecimento, salvaria o livro da critica desfavoravel. Nessa pagina preciosa, está revelada toda uma grande alma de Artista, não de um Artista vulgar, mas daquelle verdadeiro Artista, do que pensa e sente com a Natureza, alegra-se e soffre com ella, canta e chora na sua Dôr e na sua alegria... E esse Pantheismo de Luiz Guimarães, o torna grande, o torna Artista, dentro do castello de nuvens e de sonhos, de Amôr e de Graça, da sua eterna e bella Phantasia!... E é sempre com essa veneração eterna pelas gemmas, que Luiz Guimarães nos falla da «catholica Amethysta: que santifica o dêdo episcopal», no «purpureo chrysal, incandescente como uma gotta de vinho grego», no topazio cheio de sol», nas limpidas esmeraldas que dissipam as magôas do coração» nas turquezas cahidas do céu», no translucido jade etc... chamando-as todas, de estrellas da terra. E assim elle conclue: «E porque são mysteriosas, eu amo-as e venero-as. O mysterio tem sempre alguma coisa que arrebatam.»

E para terminar, fallarei sobre a primeira pagina do livro: «Sayonara». E' uma pagina feita com o coração... E' um mixto de bello e sublime, dando em resultado, uma das paginas mais lindas que li na minha vida, pagina que vale um poema, poema que vale tudo porque nos falla ao Sentimento.

E é assim, «Samuráis e Mandarins» que o auctor teve a felicidade de dedicar, na sua primeira e segunda parte, a dois grandes espiritos brasileiros diplomatas: Oliveira Lima e Felix Bocayuva. E eu aqui termino, deixando consignado nesta desataviada pagina de critica, todo o meu enthusiasmo, todo o meu affecto, todo o meu Amor ao Auctor e toda a minha admiração, todo o meu extasiamento, por esse livro adoravel, que nos falla de Amor, de Patria, de Heroismo, de Talento e de Glorias... Em cada pagina desse livro ha palpitando cheio de vida, um hymno glorioso á raça latina e á literatura Brasileira, homenageando a primeira, pela supremacia da sua intellectualidade, e a segunda, pela grandesa pela grandeza do talento dos seus cultôres. E' só.

Outubro de 1911-23.

DOLOR BRITO FRANCO

**A FANFARRA é uma tribuna livre: as suas columnas dão guarida a todas as opiniões, mesmo ás contrarias ao seu programma.**

## E' agora...

Como são frias as tardes deste fim de mez!

Chove, a luz do dia é branca, de um branco livido de sepultura, o vento fustiga as vidraças e, alem das vidraças, nos quintaes, damas de delirios, as arvores dançam sob a chuva como mulheres bebadas num festim.

Depois o sol morre. Então, bem jantado, dentro de um grande capote que no inverno tambem desempenha as funcções de cobertor, eu subo ao meu quarto, accendo a luz, affundo-me numa poltrona e, enquanto a dona da pensão assassina no piano uma valsinha em voga, fumo, pacatamente, o meu charuto.

O meu charuto é um individuo silencioso mas de companhia agradável. A's vezes dá-me conselhos, outras me faz sonhar, outras lembra-me boas idéas. Ora, hontem, por exemplo, o meu charuto me suggeriu uma idéa cheia de logica e de bom senso como vêm.

Disse o charuto:

— Moço estudante, pões-te a lêr a lêr, a estudar, e apesar de tanta sciencia que custa tão caro á tua pobreza, ainda não sabes viver.

Vejo te aqui todas as noites com os teus livros, folheando in folios, consultando cadernos, tomando notas, e escrevendo, escrevendo sempre... Por isso nunca sorris. A tua physionomia é dura e fria, os teus olhos não têm brilho. De que te vale, pois, a tua sciencia? Outros, que não sabem o que tu sabes, passam a vida a rir, a folgar, são felizes, são alegres, são foliões...

Vamos, moço estudante, deixa os teus livros e sae! A esta hora nos bairros tranquilllos, todas os moços de vinte annos andam em idyllios suaves, sob os platanos, com raparigas louras ou trigueiras, alegres ou tristes, de olhos azues ou negros... Ha pelas alamedas um rumor extraordinario de beijos! Só tu te pões a lêr, a lêr, a estudar, dentro de um quarto forrado de livros, accumulando uma sciencia que pôde ser muito certa, mas que é, incontestavelmente, massuda e bolorenta! Vamos! vamos! ergue-te, põe o chapéo e sae!»

Ora, eu sou serio. Sempre tratei com sîzudez as minhas creadas e nunca ninguem me viu dirigir um galanteio ou manistar preferencia ou ternura por uma filha de Eva.

Mas tambem prezo muito o meu charuto, ouvindo sempre com o respeito devido os seus conselhos. Porisso, passada a primeira impressão de espanto, resolvi consultar os meus botões: devia ir? Todos os botões responderam que sim. Apenas o botão de ouro, da gravata, achou que era imprudencia. A maioria approvava, portanto, e como sempre fui respeitador do voto das maiorias, enfié o chapéo na cabeça, abotoei o sobretudo e sahi.

A rua estava molhada e fria; os bondes passavam ao longe, illuminados; automoveis corriam espavoridos, enchendo a noite de vida e de barulho.

Calmamente, como um burguez pacato que faz sua digestão, eu fui andando pela rua molhada. Mas ao dobrar de uma esquina deparei com um par de noivos, de braços dados, que iam vagaro-

samente, falando baixinho como se rezassem... Mais adiante outro par surgiu-me pela frente; depois outro, outro... mais outro...

As ruas estavam cheias de noivos! Oh! o meu casa a perder tempo com o Cogliolo e o Brugi! Que cavalgada!

Continuei a andar, levando na alma uma ancia immensa de ternura. Sombra de Mimi Pinson, cabeça doirada de Musette, ereis vós que eu procurava com o meu olhar ansioso! Com que magua pensava que haviéis desaparecido para sempre! Nunca mais, estouvadas e deliciosas creaturas, haviéis de rir e folgar, porque este seculo material e sceptico não tem generosidade nem poesia! Como haviéis de córar de indignação se soubesses que nestes tristes tempos o amor é um genero de commercio... Hoje, pobres almas fanadas, pôde-se parodiar a phrase celebre: *pas d'argent, pas d'amour*...

*Pas d'amour* — triste realidade que me torturava o coração faminto... *Pas d'argent*, — eu tinha os bolsos magros e vasio...

E a rua deserta e fria era calada... E, entanto, no céu molhado, estrelinhas de neve abriam medrosamente as palpebras luminosas. Um luar azul fluctuava na altura vaporizando as coisas. Ao longe, entre vivos e musica, passou o cordão luminoso e polychromo das lanternas de uma manifestação.

Eu andava a esmo, absorvido pela minha tristeza, quando de subito, da treva densa de uma sombra de arvore, uma voz feminina e musical cantou no ar um *psiu!* Voltei-me alvoroçado. O' vós que tendes vinte annos como eu, ouvi-me! Era uma rapariga loura e graciosa, cheia de mocidade e de belleza... As mãos amigas, que me estendeu, eram brancas como as estrellas. Os seus olhos eram azues como o luar...

Deixou cair a cabeça no meu peito. A sua boquinha rubra e aromada não resistiu ao beijo ardente que lhe dei. E fomos, de braços dados, sob os platanos, num idyllio terno...

Quantas loucuras fizemos, ás horas caladas, pelas ruas desertas...? Quantos beijos rubros as nossas boccas cantaram, sob as folhagens amigas...? Que palavras desvairadas dissemos...? Pouco importa: o nosso idyllio foi sob o luar e o luar purifica como o arrependimento...

Quando lhe dei o ultimo beijo, as estrellas desmaiavam no céu claro. Separamo-nos — tão puros como antes — e o luar, o doce amigo dos namorados, seguiu-me até a porta de minha casa e, quando entrei no meu quarto forrado de livros, encontrei-o deitado no meu leito...

E o luar disse:

« — Moço, agora é o tempo do amor. E' nestas madrugadas de oiro que as flôres desabrocham. Não ouves por toda a parte um rumor suave de beijos? São as almas dos que morreram que descem á terra para amar, diluidas no sol ou na luz das estrellas... Os campos reverdecem, as arvores têm agora folhagens protectoras, os regatos cantam melodias ternas... Vamos! vamos! chama os moços!»

Dize-lhes que deixem os compendios massudos e lembrem-se de que mais vale um beijo sonoro do que uma distincção... Vamos, vamos! agora é primavera! é a época dos beijos e dos idyllios...

Eis porque vos escrevo estas palavras, moços de vinte annos! Agora é o tempo do amor e o Christo disse: *amae-vos uns aos outros*...

CALIMERIO,